

MISERIAS

Na aggregação da carne e dos helminthos
No complexo atomico que enferma,
O homem é, desde a mórnada do esperma,
Rei dos vermes carnívoros, famintos;

E analysando eternos labyrinthos,
Na incomprehensibilidade do palerma,
O "homo sapiens" do pôdre blastoderma
Vive a febre damnada dos instictos.

Homens!... Visões de mórnadas divinas,
Encarceradas em cadaverinas,
N'um turbilhão de sanie e de materias...

E' preferivel, entre desconfortos,
Ser a lama terrivel dos abortos
Que viver vossas tragicas miserias.

CARNE

Algema tenebrosa é a carne louca
Onde o espirito, em lagrimas, se prende,
Perambulando como um triste duende,
Bebendo o pús das fistulas da bocca.

Viver entre os sentidos incompletos,
Na existencia das causas fragmentarias,
Começando nas dôres solitarias,
Da vida melancolica dos fetos.

Vaso de tegumentos e de humores
E' o corpo, imagem viva do defuncto,
O miserabilissimo transumpto
Das condições mais tristes e inferiores.

Desprezar toda a luz, radiosa e viva
Para viver na carne é descer quasi
Da consciencia divina á horrenda phase
Da irracionalidade primitiva.

Carne!... Nossa amargura original,
 Antes, sobre o planeta nunca houvesse
 O principio ancestral da tua especie,
 Nos mysterios da Vida Universal...

VENDO O HOMEM

Ephemero é esse orgulho, homem, que guardas,
 N'esse mundo de angustias e de dores,
 Onde soluçam seres inferiores
 Entre milhões de cellulas bastardas.

E' o teu dia de dor, grande e profundo,
 Sob o eterno mysterio indevassado,
 — Es o triste phantasma encarcerado —
 Nas leis organogenicas do mundo.

O corpo, que é o teu goso alto e triumphante,
 Que embellezas na Terra e em que presumes
 Uma taça de angelicos perfumes,
 E' um vaso tenebroso e repugnante.

Vive nas luzes, onde não se esbarra
 — A ventura que sonhas e desejas,
 Pois sobre o mundo a bocca com que beijas
 E' a mesma que vomita, cospe e escarra.